

MANUAL DO PROFESSOR

O poder ultrajovem

Autoria

Luiz Guilherme Fernandes da Costa Sakai (CEDAC)



claroenigma

MANUAL DO PROFESSOR

AUTORIA LUIZ GUILHERME FERNANDES
DA COSTA SAKAI (CEDAC)

LIVRO
O PODER ULTRAJOVEM

AUTOR
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

CATEGORIA 2
**OBRAS LITERÁRIAS VOLTADAS PARA
OS ESTUDANTES DO 8º E DO 9º ANOS
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

TEMAS
**CONFLITOS DA ADOLESCÊNCIA;
SOCIEDADE, POLÍTICA E CIDADANIA;
DIÁLOGOS COM A HISTÓRIA E A FILOSOFIA**

GÊNERO LITERÁRIO
CRÔNICA

claroenigma

Conteúdo

CEDAC — Centro de Educação e Documentação para
a Ação Comunitária

Coordenação

Ana Maria Alvares

Revisão

Angela das Neves

Ana Luiza Couto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Sakai, Luiz Guilherme Fernandes da Costa

Manual do professor — O poder ultrajovem / Luiz
Guilherme Fernandes da Costa Sakai ; CEDAC. — São
Paulo : Claro Enigma, 2018.

Bibliografia

ISBN 978-85-8166-141-4

1. Literatura infantojuvenil — Estudo e ensino I. Título
- II. Andrade, Carlos Drummond de. O poder ultrajovem III.
- CEDAC

18-0962

CDD 372.64044

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil — Estudo e ensino 372.64044

2018

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA CLARO ENIGMA LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702 — Parte cj. 72

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3531

APRESENTAÇÃO

Cara professora, caro professor,

Neste manual, você vai encontrar material de apoio para o trabalho com o livro *O poder ultrajovem*. Desde já, enfatizamos que as propostas de atividades feitas aqui são sobretudo sugestões e não pretendem esgotar as possibilidades de leitura da obra. Ele é composto dos seguintes itens:

- 1. O autor e a obra:** dados biográficos do autor e informações que contextualizem a obra.
- 2. Vale a pena ler este livro:** informações e sugestões que visam motivar o estudante para a leitura.
- 3. Este livro na formação leitora dos estudantes do 8º e do 9º anos do Ensino Fundamental:** a relação da obra com os temas propostos, com a categoria e o gênero literário.
- 4. Fazendo a ponte entre o leitor e o livro:** subsídios, orientações e propostas de atividades para a abordagem da obra literária com os estudantes.
- 5. Este livro e as aulas de Língua Portuguesa:** sugestões para o encaminhamento do trabalho antes e depois da leitura.
- 6. Possibilidades interdisciplinares:** orientações gerais para aulas de outros componentes ou áreas para a utilização de temas e conteúdos presentes na obra, com vistas a uma abordagem interdisciplinar.

Bom trabalho!

1. O AUTOR E A OBRA

Carlos Drummond de Andrade (Itabira-MG, 1902-Rio de Janeiro-RJ, 1987) foi um escritor que, ao lado de poetas como Jorge de Lima, Murilo Mendes e Cecília Meireles, e também de prosadores como José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz, inscreve-se na segunda geração do modernismo brasileiro, também conhecida como Geração de 1930. Essa geração consolida os experimentos e invenções realizados pelos escritores e demais artistas da geração anterior, como Mário e Oswald de Andrade, responsáveis pela Semana de Arte Moderna, em 1922 — evento emblemático que objetivou promover uma ruptura com as tradições estéticas vigentes à época, de gosto clássico, parnasiano.

A década em que se consolida a segunda geração dos modernistas, aliás, foi decisiva para Drummond. 1930 é o ano de sua primeira publicação, intitulada *Alguma poesia*, volume de poemas claramente marcados pela nova estética que os modernistas de 1922 começaram a instaurar. Nesse livro, o autor provoca desconcerto nos leitores, comuns ou especializados, ao registrar versos supostamente antipoéticos: “No meio do caminho tinha uma pedra/ tinha uma pedra no meio do caminho”. Na mesma obra, por apostar em formas poéticas diversas, fazendo uso da liberdade estética recém-conquistada, o poeta já nos apresenta suas “sete faces”. Esse caráter multifacetado marcará toda a produção literária posterior, seja em poesia, seja em prosa. No mesmo decênio, Carlos Drummond de Andrade muda-se para o Rio de Janeiro, então capital do país, onde passaria a maior parte de sua vida, até agosto de 1987, data de seu falecimento.

Para saber mais sobre a vida e a produção literária de Carlos Drummond de Andrade, vale a pena acessar o site dedicado a ele. Disponível em: <<http://bit.ly/2JyOTwJ>>. Acesso em: 6 jun. 2018.

De acordo com o escritor e crítico Silviano Santiago (2002), Carlos Drummond de Andrade, em cuja vida testemunhou boa parte dos grandes eventos históricos do século xx, é um dos mais completos intérpretes daqueles tempos turbulentos. Sua poesia, segundo Santiago, transforma-se ao passo que ocorrem profundas mudanças e horrores através do século das duas guerras mundiais e também da Guerra Fria. Some-se a isso o fato de o poeta ter assistido às transformações sociais e econômicas ocorridas também no Brasil, durante a Era Vargas, bem como à construção de Brasília ou, ainda, o fato de ter testemunhado os anos marcados pela ditadura militar (1964-85).

É no contexto da ditadura militar, precisamente entre os anos finais de 1960 e o início de 1970, que os textos que integram *O poder ultrajovem* foram produzidos. Drummond, que então escrevia para o *Jornal do Brasil*, reúne nesse volume especialmente crônicas, mas sem deixar de lado a poesia, gênero que o consagraria entre os maiores escritores brasileiros de todos os tempos. E a excelência de sua prosa em nada deixa a desejar quando comparada à de sua poesia. Drummond certamente figura entre os seletos da crônica brasileira, juntamente com Fernando Sabino, Rubem Braga, Manuel Bandeira, Clarice Lispector, entre outros e outras.

O poder ultrajovem reúne oitenta textos que revelam que qualquer acontecimento, por mais singelo e corriqueiro, pode se transformar em tema literário: um almoço entre pai e filha num restaurante; a secreta receita de um sorvete; o baile de Carnaval; o futebol. São crônicas e poemas escritos em linguagem que oscila entre a formal e a informal, escritos ora em tom mais melancólico, ora em tom bem-humorado, mas que sempre prestam homenagem à vida e ao que ela tem de belo, à beleza da vida que se perpetua à medida que surgem novas gerações, em cujas mãos o livro permanece imortal.

Imortalidade, no entanto, recusada pelo poeta quando indicado à Academia Brasileira de Letras, da mesma forma que, talvez por consequência de um temperamento reservado, se negara a receber outros prêmios literários. Mas a grande literatura, independente de condecorações, sempre cumpre seu

destino: Drummond é imortalizado por meio da influência sobre outros poetas como Eucanaã Ferraz, Adélia Prado, Antonio Cicero, Manoel de Barros, e também, por que não?, sobre outros ultrajovens que ainda se dedicarão à escrita.

A Academia Brasileira de Letras, localizada no Rio de Janeiro, foi fundada em 1897. Alguns de seus fundadores são nomes relevantes para a nossa cultura e literatura, dentre os quais se destacam Machado de Assis, Graça Aranha, Joaquim Nabuco e Olavo Bilac. É formada por quarenta membros efetivos que exercem cargo vitalício. Daí serem chamados imortais os escritores que, em reconhecimento à sua produção literária ou à grande contribuição que realizam em áreas afins, são eleitos e convidados a membros da instituição. Saiba mais em: <<http://bit.ly/2Hs7WE4>>. Acesso em: 6 jun. 2018.

2. VALE A PENA LER ESTE LIVRO

O*poder ultrajovem* possibilita experiência e fruição estéticas únicas por meio de um olhar, a um só tempo sagaz e lírico, que ilumina os aspectos do cotidiano, trazendo à tona a beleza escondida nos eventos mais triviais e fugidios. Iluminações que ocorrem por meio da sacada bem-humorada, da ironia, filtradas pelo olhar de um narrador sempre reflexivo, minucioso, rigoroso, que aposta na sensibilidade do leitor. Os textos, marcados pela brevidade e escritos em linguagem acessível a leitores de idades variadas, dos mais experientes aos mais jovens, parecem simples numa leitura rápida, típica das crônicas.

No entanto, se lidos em conjunto, as crônicas e os poemas revelam que Drummond não se limita a uma estrutura de texto fixa. Pelo contrário, explora os limites desses gêneros literários e até de certo modo põe em xeque as diferenças que os separam, fazendo a crônica contaminar-se pelo poema, e vice-versa.

Tome-se por exemplo o caráter narrativo de um poema como “A festa”, dividido em duas partes, ambas dedicadas a cenas de Carnavais dos idos de 1969 e 1970. Em tom jocoso, Drummond registra, em pequenos flashes, cenas de um baile: “Wilza Carla de ovos de ouro distribui pintos de prata/ [...] / Helena entra a cavalo./ Pode não, pode não, não é paietê” (p. 38). Ou, então, em sentido inverso, mas com a mesma função desestabilizadora, a crônica “O que se diz”, na qual se utilizam recursos sonoros, musicais, comuns aos poemas, como a rima: “Todo tostão quer ser campeão, mas só um é do balão. De castigo, não mostre o umbigo” (p. 117).

Essas características atestam que a obra aposta não só na sensibilidade, mas também na inteligência do leitor, pois oferece inúmeras possibilidades de análise de recursos expressivos para além dos sonoros. Basta ver a presença de neologismos no poema citado, no qual o leitor observa: “cantansambando/ sambatucando/ vociferapulando” (p. 40). Seriam eles a expressão de cadências rítmicas do Carnaval ou, feito foliões do baile, um momento fugaz de suspensão das convenções? Seja como for, a obra de Drummond traz aspectos que a reiteram como fundamental para o desenvolvimento da habilidade leitora dos estudantes, convidados pelo autor a sair do lugar-comum das palavras, a explorá-las em seus aspectos sonoros e semânticos, em suas funções denotativa e figurativa.

3. ESTE LIVRO NA FORMAÇÃO LEITORA DOS ESTUDANTES DO 8º E DO 9º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

No célebre poema “Procura da poesia”, que integra o livro *A rosa do povo*, de 1945, Carlos Drummond de Andrade (2015, p. 105) escreve:

*Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
[...]*

*Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?*

Nesses versos metalinguísticos, já que o tema é a própria poesia, o eu poético apresenta uma delicada e minuciosa relação com as palavras que, se bem contempladas, podem revelar a poesia latente nelas.

Semelhante é a relação dos narradores das crônicas de *O poder ultrajovem* com os eventos que testemunham, as lembranças que evocam e os registros do cotidiano que realizam. Nesses textos, o narrador lança, sobre os pequenos acontecimentos do dia a dia, uma espécie de lente de aumento ou zoom fotográfico que lhe possibilita vislumbrá-los, sob outra perspectiva, em sua beleza oculta. Quer do presente, quer do passado, parece que nada escapa ao olhar dos narradores. Não que se almeje uma visão ampla dos acontecimentos ou um retrato panorâmico dos fatos narrados, mas, ao contrário, são os detalhes das pequenas coisas da vida que interessam à tessitura dessas narrativas.

Detalhes e fragmentos que, por sua vez, não são dissociados dos grandes acontecimentos que marcam a época da publicação desses textos. Por mais banais que pareçam, os episódios narrados podem ser interpretados como intimamente conectados ao contexto histórico e social que marca a produção dessas crônicas. Entretanto, não são textos datados, no sentido de fadados estrita e exclusivamente à condição de documentos que retratam certa época. Não. Em acontecimentos específicos, busca-se o universal, isto é, os conflitos comuns às pessoas de seu e de nosso tempo. Temas como as perdas e a morte são patentes nos textos de *O poder ultrajovem*. Assim, pode-se dizer que os narradores das crônicas de Drummond, memorialistas ou ancorados no presente, penetram surdamente no reino dos eventos, à procura sempre bem-sucedida da poesia que lhes é potencial. Mesmo quando supostamente falta inspiração ao narrador, o resultado surpreende o leitor. Porque até a angústia de não ter nada a escrever, nas mãos de Drummond, transforma-se em beleza.

É o que se pode ver na crônica “Hoje não escrevo”, na qual o narrador constata, em estado melancólico:

Chega um dia de falta de assunto. Ou, mais propriamente, de falta de apetite para milhares de assuntos.

Escrever é triste. [...] O mundo deixa de ser realidade quente para se reduzir a marginália, purê de palavras, reflexos no espelho [infidel] do dicionário. [p. 137]

Aqui, à semelhança de “Procura da poesia”, a crônica revela seu caráter autorreflexivo, realizando-se via metalinguagem, deixando claro que o assunto da crônica pode ser ela mesma ou até as angústias que assaltam o cronista.

A crônica, já foi dito pelo crítico Antonio Candido (1992), “parece ser um gênero menor” (p. 13). O mesmo crítico continua:

Graças a Deus, seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica mais perto de nós. E para muitos pode servir de caminho não apenas para a vida,

que ela serve de perto [...]. Por meio dos assuntos, da composição solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão certa profundidade de significado e certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição. (CANDIDO, 1992, p. 13.)

Assim, *O poder ultrajovem* é uma obra especialmente indicada aos estudantes do 8º e do 9º anos, visto que promove o desenvolvimento da competência fundamental que, conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), consiste em:

envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura. (BRASIL, 2017, p. 85.)

Os críticos literários Antonio Candido e Davi Arrigucci Júnior destacam que o advento da crônica moderna se dá à medida que se desenvolve a atividade jornalística. Trata-se, portanto, de um gênero textual marcado pela valorização de elementos estéticos, veiculado geralmente em páginas de jornal que, no entanto, priorizam textos de consumo e leitura rápidos. A crônica, dessa forma, pode causar uma espécie de curto-circuito nas classificações puristas dos gêneros textuais. Afinal, por um lado, distancia-se dos gêneros que são, comum e tradicionalmente, associados à arte da palavra — romance, poema. Por outro, diferencia-se dos que são mais comuns ao jornalismo, geralmente marcados por uma pretensa objetividade ou por uma subjetividade retraída, discreta: reportagens, artigos de divulgação científica, entre outros.

No limiar entre o jornalismo e a literatura, ou uma fusão dessas duas atividades, a crônica, se traz dificuldades às classificações de gênero textual, possibilita amplo trabalho em sala de aula, pois é justamente essa hibridez que permite o desenvolvimento de habilidades e competências em vários níveis.

Basta ver as orientações da BNCC no que se refere ao componente Língua Portuguesa. Nos anos finais do Ensino Fundamental, são aprofundados os estudos “dos gêneros que circulam na esfera pública, nos campos jornalístico-midiático e de atuação na vida pública” (BRASIL, 2017, p. 134). A crônica, sendo um deles, pode ser trabalhada sob essa perspectiva, ainda que se distancie dos gêneros mais tradicionalmente associados à atividade jornalística que também são contemplados nos anos finais do Ensino Fundamental, tais como o artigo de opinião, os textos informativos etc.

Além disso, considerando-se os aspectos literários, a crônica, trabalhada em sala de aula e com a mediação do professor, é um dos instrumentos que possibilita:

o contato com as manifestações artísticas em geral, e, de forma particular e especial, com a arte literária e de oferecer as condições para que se possa reconhecer, valorizar e fruir essas manifestações. Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário, com especial destaque para o desenvolvimento da fruição, de modo a evidenciar a condição estética desse tipo de leitura e de escrita. Para que a função utilitária da literatura — e da arte em geral — possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor — e, portanto, garantir a formação de — um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura. (BRASIL, 2017, p. 136.)

Para saber mais detalhes sobre o gênero crônica, sugerimos as seguintes leituras:

“Fragmentos sobre a crônica”, de Davi Arrigucci Júnior, no livro do mesmo autor *Enigma e comentário: Ensaios sobre literatura e experiência* (Companhia das Letras, 1987).

“A vida ao rés do chão”, de Antonio Candido, no livro *A crônica: O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil* (Ed. Unicamp, 1992).

4. FAZENDO A PONTE ENTRE O LEITOR E O LIVRO

Uma vez que os desenvolvimentos do espírito crítico e da capacidade de fruição de textos diversos, com destaque ao literário, se dão paulatinamente, sugerimos estimular e conduzir a leitura compartilhada de *O poder ultrajovem*. É sabido que a leitura compartilhada é uma das práticas fundamentais não apenas para o desenvolvimento da oralidade dos educandos, mas, se bem conduzida pelo professor, também é imprescindível para o reconhecimento do uso de nuances e estratégias específicas à construção e composição de um texto literário, para o reconhecimento e análise de seus efeitos de sentido, tais como jogos de palavras ou as figuras de linguagem (eufemismo, ironia, hipérbole), exploradas de forma peculiar, como já dito, em seus aspectos semânticos e sonoros. Ao conduzir o ato de leitura, é importante que desafie os estudantes, por meio de perguntas a respeito do reconhecimento de efeitos da língua, a refletir e perceber o uso de jogos de palavras.

Para tanto, o professor deve selecionar, previamente, alguns dos textos, em prosa ou em verso, que compõem o volume. Dada a diversidade de temas

presentes no livro, recomenda-se que, de início, sejam trabalhados aqueles que possivelmente mais chamem a atenção dos educandos: à guisa de sugestão, os textos sobre futebol, como “Pelé: 1000” (p. 146) ou, ainda, “Copa do Mundo 70” (p. 203), escritos, respectivamente, em prosa e em verso. Temas semelhantes, percorridos em estruturas diferentes, podem estimular a análise formal de uma obra literária e o reconhecimento de diferenças entre esses gêneros literários. Outra sugestão de recorte temático são os textos sobre o cotidiano escolar, como a crônica humorística intitulada “IV-Na escola” (p. 21).

Por meio de uma análise mais acurada dos textos escolhidos, assegura-se o desenvolvimento da fruição mais aprofundada de um texto literário, o que favorece a análise das estruturas e formas de outros gêneros textuais, embora sem pretensões estéticas. O professor pode, ainda, conduzir uma espécie de contraposição entre a crônica e outros gêneros discursivos típicos da atividade jornalística. É recomendável, por exemplo, comparar uma crônica do volume com reportagens ou textos informativos, com a finalidade de ressaltar, à diferença do que ocorre nesses outros gêneros, o caráter subjetivo que perpassa as crônicas — subjetividade que contribui para a originalidade dos textos literários.

Compare o já citado “Copa do Mundo 70” com alguma reportagem a respeito dessa Copa. Sugestão: “Copa do Mundo 70 — México” [disponível em: <<https://glo.bo/2s0Tgto>>; acesso em: 6 jun. 2018].

Convide, então, os alunos a refletir sobre a forma com que cada texto aborda o tema. Estimule a turma a reflexões sobre o modo com que a reportagem presta informações diversas, como placares dos jogos e outras curiosidades do evento esportivo, ao passo que o eu poético de Drummond concentra-se não nos eventos, mas na expressão de seus sentimentos decorrentes da seleção campeã.

No que se refere tão somente às estratégias de composição literária de textos narrativos, *O poder ultrajovem* pode muito bem ser explorado em função da diversidade de focos narrativos. Há exemplos de sobra tanto em primeira como em terceira pessoa. Com base já nas duas primeiras partes, “I — No restaurante” (p. 13) e “II — No ônibus” (p. 15), da série inicial de crônicas, é possível refletir sobre o ponto de vista narrativo. Na primeira, o olhar supostamente mais imparcial, panorâmico, criado pelo foco narrativo em terceira pessoa; na segunda, o foco narrativo em primeira pessoa, que pode instigar o leitor a duvidar ou, ao menos, a ter consciência da parcialidade do olhar do narrador. Além disso, a análise dos focos narrativos possibilita reflexões sobre aspectos de organização gramatical a serviço de efeitos de sentido diversos.

Para uma visão aprofundada do foco narrativo para além da divisão entre narrador em primeira e em terceira pessoa, recomenda-se a leitura do livro *O foco narrativo*, de Ligia Chiappini Moraes Leite [Ática, 1985]. A obra traça um panorama das teorias a respeito dos focos narrativos ao longo dos séculos.

Outro aspecto propício ao trabalho em sala de aula e a ser destacado na obra de Drummond é o emprego de modalidades diversas da língua portuguesa. Em suas crônicas, há traços de oralidade, além de uma hábil combinação da linguagem formal com a informal. Há textos que tendem a variações da língua consideradas de prestígio, como a dos estratos sociais urbanos e privilegiados, sem que se excluam variações de menos prestígio e até mesmo a gíria.

Sugerimos que, em sala, reflita com os estudantes sobre até que ponto as gírias acabam sendo marcadores também temporais, visto que muitas delas, caindo em desuso, podem soar estranhas às gerações mais jovens e

ultrajovens, da mesma forma que muitas gírias utilizadas pelos adolescentes de hoje não são compreendidas pelos mais velhos.

Ainda tomando como exemplo a primeira parte que dá título ao volume, nota-se, também, uma característica patente na obra de Carlos Drummond de Andrade, a saber, a vivência e a experiência urbanas — em contraposição a uma série de textos memorialísticos que expõem o retrato de outra faceta do país, mais arcaica, provinciana, ou mesmo rural, igualmente presente em sua obra poética. Ressaltem-se os tipos de experiências comuns às metrópoles brasileiras e aos aglomerados que nela se encontram. Encontros rápidos, fugidios, situações embaraçosas com pessoas desconhecidas, como a narrada em “II — No ônibus”, crônica que se classifica, na própria escritura, como “folhetim urbano” (p. 16). Os encontros nas cidades grandes, ocorridos num lance de estalo, são flagrados e registrados pelo autor antes que escapem. Como uma fotografia editada, as crônicas funcionam como uma resposta, ainda que vã, contra a passagem do tempo.

Uma análise mais detalhada da presença de diversas variações linguísticas nas crônicas de Drummond encontra-se no posfácio da edição de *O poder ultrajovem*, assinado pelo crítico Alcir Pécora.

Recomenda-se, também, a leitura da obra *Preconceito linguístico*, de Marcos Bagno (Parábola, 2015), que propõe uma valiosa reflexão acerca dos aspectos sociais da língua, que pode ser, também, instrumento não de inclusão, mas de exclusão social.

5. ESTE LIVRO E AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

MATERIAL DE APOIO PRÉ-LEITURA

De acordo com a BNCC, formar o leitor-fruidor:

exige o desenvolvimento de habilidades, a vivência de experiências significativas e aprendizagens que, por um lado, permitam a compreensão dos modos de produção, circulação e recepção das obras e produções culturais e o desvelamento dos interesses e dos conflitos que permeiam suas condições de produção e, por outro lado, garantam a análise dos recursos linguísticos e semióticos necessária à elaboração da experiência estética pretendida (BRASIL, 2017, p. 155.)

Atendendo a essas exigências, recomenda-se que, antes de apresentar a obra aos alunos, o professor cumpra o papel de mediador numa roda de conversa, aparentemente despretensiosa ou descompromissada, acerca de situações corriqueiras, dos gostos e preferências dos educandos, dos lugares que fazem parte de sua rotina, dos locais de preferência, do que há em seu bairro, em sua comunidade, na sua cidade, enfim, de seu dia a dia. Pode-se solicitar que escrevam e elaborem uma lista com esses elementos.

Considerar o conhecimento prévio dos estudantes, aproveitar suas experiências pregressas, com a finalidade de ampliá-las e de tomá-las como ponto de partida para a construção de novos conhecimentos, é estratégia fundamental para se estabelecer a aproximação entre o leitor e a obra. Além disso, a crônica, que nas palavras já citadas de Antonio Candido atende de perto às necessidades da vida, ensina-nos que qualquer tema, e aqui destacados os não solenes ou grandiloquentes, pode ser matéria de criação literária. Esta, por sua vez, potencialmente redimensiona a recepção não só de outros textos,

mas também dos eventos, menores ou não, da própria vida, sendo, portanto, imprescindível à humanização, à transformação, à mobilização que marcam a formação não apenas do leitor-fruidor, mas, sobretudo, do cidadão.

Assim, sugerimos que, depois dessa aula dedicada à roda de conversa, o professor leia o poema “Cidadezinha qualquer” ou a série “Lanterna mágica” — ambos do livro de estreia de Drummond, *Alguma poesia* — com os alunos, e que, após isso, conduza com perguntas a respeito da relação do eu poético com a cidade: De que maneira ela é descrita pelo eu lírico? Que monumentos ou elementos urbanos são destacados nos poemas? Essa cidade se parece com a sua? O que há em sua cidade que não é mencionado nos poemas? No primeiro poema, Drummond apresenta fragmentos de uma cidadezinha qualquer, aliás, sem nome, marcada pela lentidão; no segundo texto poético, cada poema da sequência apresenta, também, elementos de cidades pertencentes a Minas Gerais, alguns dos quais históricos.

É igualmente importante apresentar aos alunos algumas músicas do cancionário nacional, como “Carinhoso”, de Pixinguinha, “As vitrines”, de Chico Buarque, “Não existe amor em SP”, de Criolo, “Trutas e quebradas”, dos Racionais MC’s, entre outras escolhidas pelo professor — todas facilmente encontradas em aplicativos de música, podendo ser ouvidas na sala de informática, se houver na escola. Embora bem diferentes em gênero e estilo, essas composições musicais têm em comum a experiência do sujeito poético com a cidade. Experiência e recortes urbanos comuns às crônicas, em especial às de Drummond. Após a apreciação dessas canções, sugerimos a análise das letras, conduzida e estimulada por meio de perguntas, como: O que cada sujeito poético destaca da sua cidade? Que tipos de encontros cada um deles realiza nas ruas? Apresentar os poemas e as canções considera aptidões diversas para aproximar os alunos à obra.

Estabelecidos e realizados os diálogos entre poemas e canções, apresente características gerais do gênero crônica, suas semelhanças e diferenças em relação à poesia e até mesmo a outros gêneros já estudados, como o conto.

Feito isso, distribua exemplares de *O poder ultrajovem* aos estudantes e solicite que observem, antes da leitura, a fotografia da capa desta edição, de autoria de Rene Burri. Sugerimos também que conduza o exame e a apreciação da fotografia por meio de perguntas que estimulem a descrição da imagem, para, em seguida, indagar que possíveis relações a foto de capa possui com o título do livro.

Tais sugestões atendem às recomendações da BNCC e buscam “ampliar e diversificar as práticas relativas à leitura, à compreensão, à fruição e ao compartilhamento das manifestações artístico-literárias, representativas da diversidade cultural, linguística e semiótica” (2017, p. 154), práticas fundamentais à formação do leitor-fruidor e também ao desenvolvimento do espírito crítico.

MATERIAL DE APOIO PÓS-LEITURA

Lida a obra e discutidas as questões linguísticas e estilísticas mencionadas nos itens 2 e 3 deste manual, sugerimos a retomada da roda de conversa que precedeu o contato com *O poder ultrajovem*, a respeito da relação dos narradores e do eu poético dos textos de Drummond com a cidade. Recomendamos que pergunte aos estudantes quais elementos do cotidiano eles mais destacam nos textos, que tipos de experiência urbana são relatadas, entre outras indagações que explorem a recepção da obra por eles. Pergunte, em resumo, sobre os textos que foram de sua preferência e de suas impressões, inclusive valorativas. Além dessa temática, outras merecem ser debatidas, pois poderão motivar a proposta de *oficina de criação de texto literário*, que descreveremos adiante.

Outra proposta são debates sobre amizade, afeto, perdas, e como esses temas são tratados pelos narradores. Para tanto, sugerimos a releitura das crônicas “Lembranças de fevereiro” (p. 79) e “Ontem, finados” (p. 129), ou ainda “Manuel, ou a morte menina” (p. 190), todas elas homenagens a amigos

mortos. Trata-se de conduzir e de estimular reflexões sobre temáticas importantes, a respeito da vida e do que nela tememos, sobre assuntos que fazem parte, inclusive, dos conflitos da adolescência e também, por que não?, dos adultos. São textos que flertam com relatos de experiência. A crônica, afinal, não raro funciona pela ficcionalização do real, como se interpelasse os limites entre ficção e realidade.

Depois dessa roda de conversa e da retomada de debates, sugerimos, como preparação à *oficina de criação de texto literário*, que os alunos tirem e tragam fotografias do seu bairro, de amigos, familiares ou colegas de escola. Se preferir, realize um passeio com a turma em algum espaço público de sua escolha, seja no entorno da unidade escolar, seja em qualquer outro especial para a memória afetiva da cidade e da comunidade. É importante que os educandos sejam estimulados a observar e registrar a paisagem e o outro enfatizando o que lhes é alheio, ou seja, a fazer o contrário das *selfies*. Dispositivos móveis, que os estudantes eventualmente possuem, podem e devem ser aproveitados nessa sequência de atividades. Também sugerimos que o aluno fotografe lugares e paisagens com os quais tenha alguma carga afetiva.

Realizada essa tarefa, solicite à turma que edite a fotografia escolhida. Na sala de informática ou por meio de dispositivos que os próprios alunos possuam, escolham, conjuntamente, um programa ou aplicativo para edição de imagens. É importante que explorem os filtros existentes nesses aplicativos ou programas até encontrarem o da preferência de cada um. Após a alteração e edição das imagens, elas são compartilhadas entre o grupo por via digital ou, se possível, impressa, a ser exposta em um mural.

Todo esse processo busca estabelecer uma analogia entre a fotografia e o gênero crônica, na medida em que estimula a reflexão a respeito de como um registro do passado pode sofrer alteração no presente. A fotografia, devidamente editada, é o elemento concreto que serve como pontapé inicial, ou como inspiração, a esse tipo de reflexão, que pode ser estimulada por meio de perguntas, ainda que para elas não haja resposta pronta. Por exemplo: até

que ponto nosso olhar e nossa memória são respectivamente uma câmera e um filtro, que recortam e modificam nossa experiência?

O filósofo e historiador francês Georges Didi-Huberman (2012) rejeita a oposição entre palavra e imagem. Em suas palavras:

as imagens tomam parte do que os pobres mortais inventam para registrar seus tremores (de desejo e de temor) e suas próprias consumações. Portanto é absurdo, a partir de um ponto de vista antropológico, opor as imagens e as palavras, os livros de imagens e os livros *a seco*. Todos juntos formam, para cada um, um tesouro ou uma tumba da memória, seja esse tesouro um simples floco de neve ou essa memória esteja traçada sobre a areia antes que uma onda a dissolva. (p. 210)

Você pode ler o artigo completo, que está disponível em: <<http://bit.ly/2JFvfQ1>>; acesso em: 6 jun. 2018.

Após a conclusão dessa etapa, é hora de sugerir que os estudantes, tomando como ponto de partida a fotografia que escolheram e editaram, comecem a redigir uma crônica. Antes, porém, é válido realizar questionamentos que estimulem a *autorreflexão* e que podem nortear a produção de texto, funcionando como ferramentas que organizem a elaboração de um projeto: A história que vou contar é recente ou ocorreu há muito tempo? As pessoas envolvidas nessa história existem na minha vida ou são inventadas? A situação que pretendo narrar é cômica ou melancólica? Que sentimentos desejo transmitir a meu leitor? A história é inventada ou aconteceu realmente? Se é real, aconteceu comigo ou com outra pessoa? Que foco narrativo utilizarei na narração dos acontecimentos?

Partindo da constatação de que a crônica pode contemplar qualquer tema, recomendamos que determine a extensão do texto, caracterizado pela brevidade. Dessa forma, como não há receitas prontas para a elaboração de uma crônica, não intervenha nas seleções temáticas realizadas pelos estudantes. Aqui, o que conta não é a repetição de discursos ou de estruturas fixas ou de temas preestabelecidos, mas, sim, a originalidade e um olhar inusitado sobre eventos repetitivos porque cotidianos. Organize, se possível, aulas destinadas à produção e à revisão das crônicas escritas pelos estudantes, dando-lhes retorno a respeito dos êxitos e dos problemas que serão notados em cada produção textual, para, finalmente, digitar, formatar e imprimir as atividades dos alunos.

Terminadas essas etapas, a turma pode, finalmente, compartilhar os textos produzidos em sala. Outra sugestão é organizar uma espécie de sarau literário, destinado à apreciação das obras produzidas pelos estudantes. Cada aluno pode ler seu próprio texto em voz alta ou, então, no dia dedicado à apresentação das crônicas escritas, realizar uma troca, para que leiam e apresentem os textos uns dos outros. Você pode também, nessa ocasião, organizar uma roda de conversa com o objetivo de trocar impressões a respeito das crônicas que foram elaboradas. Com as produções dos alunos e, de preferência e se possível com as fotografias que inspiraram a escrita das crônicas, é possível organizar um portfólio, com o objetivo de valorizar a atividade de escrita realizada pelos educandos.

6. POSSIBILIDADES INTERDISCIPLINARES

ARTE

Se as atividades propostas anteriormente, tanto as que antecedem como as que sucedem a leitura de *O poder ultrajovem*, por um lado, contemplam

competências e habilidades que a disciplina de Língua Portuguesa pretende aprimorar e desenvolver, por outro, possibilitam investigar e aprofundar as relações entre arte e tecnologia. Essas relações permitem o trabalho em sala de aula valendo-se de metodologias diversificadas, sendo condizentes, também, com as competências e habilidades relacionadas à disciplina de Arte, visto que, ao estimular a produção de textos verbais e não verbais, e ao inter-relacioná-los, o que está em jogo é o incentivo ao protagonismo dos estudantes, de forma que a produção das crônicas e das fotografias não se limite à aquisição de técnicas e à assimilação de postulados teóricos. Bem mais que isso, as atividades propostas pretendem, como nos orienta a BNCC, criar condições para se “alcançar a experiência e a vivência artísticas como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores” (2017, p. 191).

Além de estimular a investigação das relações entre múltiplas linguagens de arte e tecnologia, as atividades propostas anteriormente articulam as seis dimensões de conhecimento que, segundo a BNCC, caracterizam a experiência artística. São elas: criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão. Os professores dessas duas disciplinas podem e devem trabalhar em parceria. Inclusive, se possível for em sua unidade escolar, isso deve ser feito com planejamento elaborado em conjunto e, principalmente, com aulas compartilhadas, o que favorece e estimula o multiletramento e o trabalho com as crônicas numa dimensão multissemiótica. Esse trabalho pode favorecer o desenvolvimento das habilidades:

(EF69AR03) Analisar situações nas quais as linguagens das artes visuais se integram às linguagens audiovisuais (cinema, animações, vídeos etc.), gráficas (capas de livros, ilustrações de textos diversos etc.), cenográficas, coreográficas, musicais etc.

(EF69AR07) Dialogar com princípios conceituais, proposições temáticas, repertórios imagéticos e processos de criação nas suas produções visuais.

(EF69AR32) Analisar e explorar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.

GEOGRAFIA

Segundo a BNCC, um dos desafios à disciplina de Geografia consiste em fazer o aluno:

reconhecer de que forma as diferentes comunidades transformam a natureza, tanto em relação às inúmeras possibilidades de uso ao transformá-la em recursos quanto aos impactos socioambientais delas provenientes. No Ensino Fundamental — Anos Finais, essas noções ganham dimensões conceituais mais complexas, de modo a levar os estudantes a estabelecer relações mais elaboradas, conjugando natureza, ambiente e atividades antrópicas em distintas escalas e dimensões socioeconômicas e políticas. (BRASIL, 2017, p. 362.)

Em *O poder ultrajovem*, há textos que podem estimular o desenvolvimento de competências relacionadas a esse desafio. Tome-se como exemplo as crônicas “Rondó da praça da Liberdade” (p. 101) e “Inventário da miséria” (p. 110). Na primeira, são narradas as memórias não propriamente de um indivíduo, mas as da própria praça, que sofre transformações causadas pelos processos de modernização e de urbanização. Em tom de lamento, o narrador, no começo, descreve-a como “um sossego cheio de graça”, e conclui sua crônica conclamando os conterrâneos de Drummond: “Chegada é a hora de rezarmos, ó mineiros, por alma da que foi a praça da Liberdade, em sua forma e em seu caráter” (p. 103).

A relação do sujeito com o espaço, com seu entorno, é fundamental para a construção de uma identidade e para a nossa formação como cidadãos. Tanto é que, nos primeiros anos, os estudantes já são estimulados a identificar e a reconhecer ambientes, espaços e paisagens que lhes são próximos. Estímulo que deve ser continuado e aprofundado nos anos finais do Ensino Fundamental. Isso, aliás, se relaciona com a atividade proposta no item 5 deste manual, visto que estimula o aluno a reconhecer e a explorar sua comunidade, desafios também ligados à disciplina de Geografia.

No que se refere ao segundo texto, “Inventário da miséria”, o narrador assume uma dicção mais contundente e incisiva para denunciar, embora sem tom panfletário, a situação de miséria numa cidade “à margem de uma siderúrgica” (p. 110) e os impactos provocados pela aciaria nas comunidades locais. Um tema caro ao autor e ao estado que tem a atividade mineradora como um dos principais motores de sua economia e que sofreu com desastres de magnitude assombrosa, como o do rompimento da barragem do distrito de Mariana, ocorrido em 2015.

Partindo desse texto de Drummond, sugerimos que os estudantes sejam desafiados à reflexão sobre os impactos ambientais a serviço do progresso, sobre as ambições humanas que podem levar, inclusive, à destruição de recursos naturais e a danos muitas vezes irreversíveis. Para ser o mediador desse debate ou roda de conversa, sugerimos que selecione reportagens sobre o desastre de Mariana e de outros motivados pela ação do homem. Como forma de avaliação e de intervenção, pode-se sugerir que os alunos elaborem uma pesquisa, preferencialmente na sala de informática da unidade escolar (caso haja), a respeito dos impactos da siderurgia e metalurgia especialmente no estado de Minas Gerais, bem como a respeito dos impactos, muitas vezes destrutivos, que o desenvolvimentismo causa na vida das comunidades locais, em especial as indígenas. Ao final dessa pesquisa, é possível organizar uma espécie de seminário no qual os estudantes trocam as informações e os resultados a que chegaram.

HISTÓRIA

De acordo com a BNCC:

a contextualização é uma tarefa imprescindível para o conhecimento histórico. Com base em níveis variados de exigência, das operações mais simples às mais elaboradas, os alunos devem ser instigados a aprender a

contextualizar. Saber localizar momentos e lugares específicos de um evento, de um discurso ou de um registro das atividades humanas é tarefa fundamental para evitar atribuição de sentidos e significados não condizentes com uma determinada época, grupo social, comunidade ou território. Portanto, os estudantes devem identificar, em um contexto, o momento em que uma circunstância histórica é analisada e as condições específicas daquele momento, inserindo o evento em um quadro mais amplo de referências sociais, culturais e econômicas. (BRASIL, 2017, p. 397.)

Em trabalho integrado à disciplina de Língua Portuguesa, os professores de História podem oferecer muito aos alunos: são imprescindíveis para uma fruição e interpretações mais amplas das crônicas de Drummond, uma vez que o poeta-cronista deixa claro, sobretudo a partir do terceiro livro, *Sentimento do mundo* (1940), a relação de sua obra com eventos históricos marcantes do contexto em que foram produzidas.

No que se refere à relação da obra de Drummond com a história, vale novamente consultar o belo ensaio de Alcir Pécora, intitulado “O velho túbio no jardim do hábito”, que esta edição de *O poder ultrajovem* traz como posfácio. No texto, o crítico analisa minuciosamente o olhar oblíquo de Drummond para os eventos históricos que contextualizam essas crônicas. Obliquidade — ou, nas palavras do crítico, “distanciamento equidistante” de ideologias contrastantes — que assegura a riqueza de sentidos, de modo que, embora aludindo discretamente a acontecimentos da história nacional e mundial, os textos do poeta-cronista não se subordinam a tais eventos, mantendo abertas e inesgotáveis as possibilidades de sentido e de significações de seus textos, renovados aos olhos das gerações vindouras.

Publicado no ano seguinte ao da eclosão da Segunda Guerra Mundial, *Sentimento do mundo* pode ser apresentado aos estudantes pelos professores de História ou de Língua Portuguesa. Sugerimos a seleção de alguns dos poemas que compõem o livro, como “Os ombros suportam o mundo” ou, ainda, “Congresso internacional do medo”. Em ambos os casos, entre muitos outros da obra, nota-se um certo mal-estar, possivelmente ocasionado pela guerra, que assola o mundo, cujo peso o poeta sente nos ombros (peso que é, numa das mais belas versificações de nossa literatura, não mais que o “da mão de uma criança”). Recomendamos que uma primeira leitura seja realizada sem a devida contextualização. Pois, nesse momento, o que importa são os possíveis sentidos que os estudantes atribuirão aos poemas, consequentes de uma apreciação sem a mediação ou o funil de informações históricas ou de conceitos. Ao professor de História, cabe então, depois dessa leitura, contextualizar e sugerir relações com a guerra e com outros episódios históricos que marcaram aqueles anos, levando em conta o caráter polissêmico dos textos poéticos e frisar que, por isso, uma leitura tão somente condicionada a eventos históricos limitaria as possibilidades semânticas do texto.

Para saber mais sobre a relação entre a literatura e os aspectos extraliterários, sugerimos a leitura de *Literatura e sociedade* [Ouro sobre Azul, 2014], no qual Antonio Candido discorre sobre as relações dialéticas entre texto e contexto, e sobre como os elementos históricos e sociológicos, entre outros, tornam-se internos, constitutivos da estética.

No caso de *O poder ultrajovem*, atividade semelhante pode ser realizada. Recomendamos que organize uma roda de conversa com o objetivo de abordar e diagnosticar o conhecimento dos estudantes no que se refere ao

Brasil do final dos anos 1960 e início dos anos 1970, sem que se façam explicações sobre a situação social e política do país naquele momento. Uma dica possível é a leitura da série de textos de abertura ou, ainda, de crônicas como “A fila e o que se fala na fila” (p. 52) e “Assalto” (p. 88). Destaque-se, nesse caso, o texto IV da série de abertura do livro, intitulado “Na escola”. Nele, é narrado, em tom cômico, um plebiscito em sala de aula que deveria decidir se as professoras deveriam usar calça comprida na escola (p. 21). Antes proposta pela professora “democrata” (p. 21), a votação é por ela mesma interrompida, para dar sequência a uma aula, curiosamente, de história de Brasil. Questionamentos podem ser feitos à turma como forma de estimulá-la a uma discussão considerando texto e contexto, isto é, levando em conta que a crônica tematiza uma eleição, valendo-se da sala de aula quem sabe como uma metonímia da sociedade, num momento histórico em que a ideia de o povo se expressar via voto passava ao largo do governo. Dessa forma, pode-se aproveitar tal texto para a explicação, discussão ou aprofundamento sobre o que é uma ditadura, o que é uma democracia, e para promover diálogos entre literatura e questões históricas, sociológicas e filosóficas. A forma irônica com que se encerra a crônica nos convida a pensar, também, até que ponto a escola e a sala de aula são espaços democráticos.

Finalmente, em louvor à mítica seleção brasileira de 1970, que dá ao povo brasileiro um “minuto de felicidade” (p. 206), sugerimos a leitura da segunda parte do poema que encerra o livro, intitulado “Copa do Mundo 70”, no qual se registra:

*De repente o Brasil ficou unido
contente de existir, trocando a morte
o ódio, a pobreza, a doença, o atraso triste
por um momento puro de grandeza
e afirmação no esporte.
Vencer com honra e graça*

*com beleza e humildade
é ser maduro e merecer a vida,
ato de criação, ato de amor* (p. 205)

Note-se que nestes versos o eu poético, de forma mais explícita, esboça um retrato do país em que se destacam seus problemas históricos em contraposição ao minuto de felicidade proporcionado pelo futebol brasileiro na Copa do Mundo de 1970, instante em razão do qual o povo “fica devendo” (p. 206) à seleção. Não à toa é com esses versos que Drummond encerra a obra. O chiste, o brilho, posto que instantâneo e fugidio, como antídoto às mazelas que marcam de longa data o país. O louvor, não só ao futebol, mas ao acontecimento extraordinário dentro do ordinário, que permite a abertura de uma fenda, ainda que rápida, na rotina. Em resumo, a homenagem ao espírito da crônica.

A partir da leitura, algumas perguntas podem ser feitas aos estudantes, com o objetivo não só de analisar o texto, mas também de criar condições para que, posteriormente, seja realizada a contextualização da obra. Por exemplo: Em sua opinião, por que o eu lírico destaca substantivos como “morte”, “ódio”, “pobreza”, “doença” e “atraso” para formar uma imagem do país? Que retrato do Brasil, a partir dessa escolha de palavras, podemos formar? O que a seleção brasileira, diante desse quadro, representa para o eu poético? Após realizar reflexões sobre o poema, sugerimos que explane, e aqui cabem alguns minutos de aula expositiva, o contexto em que foi produzido, com destaque à polarização em que o país se encontrava nos anos da ditadura civil-militar, bem como, para que jamais se esqueça, à violação aos direitos humanos e movimentos contrários ao regime ditatorial. Não se trata de discutir um possível posicionamento político ou ideológico do autor, mas de avaliar como os narradores e sujeitos líricos da obra de Drummond se relacionam com essas questões. Não há, afinal, qualquer indício que aponte para uma tendência a essa ou àquela corrente ideológica. O que há é certo desgosto pela situação política e polarizada em que o país se encontrava.

Assim, *O poder ultrajovem*, ao levar em conta pontos de vista diferentes, sem proselitismo ou qualquer postura panfletária, reitera:

[...] a relevância desse campo [artístico-literário] para o exercício da empatia e do diálogo, tendo em vista a potência da arte e da literatura como expedientes que permitem o contato com diversificados valores, comportamentos, crenças, desejos e conflitos, o que contribui para reconhecer e compreender modos distintos de ser e estar no mundo e, pelo reconhecimento do que é diverso, compreender a si mesmo e desenvolver uma atitude de respeito e valorização do que é diferente. (BRASIL, 2017, p. 137.)

A título de instrumento avaliativo dessa sequência de atividades, propomos, como uma espécie de encenação da crônica “Na escola”, a condução e organização de uma assembleia em que se discutam temas pertinentes ao dia a dia da sala de aula. Por exemplo, as formas mais adequadas de convivência e de conduta no ambiente de ensino. Tal proposta visa incentivar o protagonismo dos estudantes, além de desenvolver a habilidade de expor oralmente seus argumentos; pretende, ainda, aprimorar a escuta e promover o respeito às diferenças e também a outros pontos de vista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2017.
- CANDIDO, A. A vida ao rés do chão. In: _____ et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Ed. Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. pp. 13-22.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova reunião: 23 livros de poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. *PÓS, Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA-UFG*, v. 2, n. 4, pp. 206-19, nov. 2004.
- SANTIAGO, Silvano. Introdução à leitura dos poemas de Carlos Drummond de Andrade. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 2002. pp. III-XLI.